

O contributo da Ecomuseologia para a harmonia social

O conceito de ecomuseologia está assente certamente na prioridade que é dada às ideias de participação, ao alargamento da noção de património e ao de territorialidade.

O conceito de ecomuseu que se estabeleceu nos anos 70 cobre agora uma nova tipologia de museus com diferentes abordagens, objectivos e práticas. Passados que foram os primeiros anos de grande debate sobre o sentido mesmo da Ecomuseologia, actualmente os ecomuseus são reconhecidos de forma consensual como uma parte fundamental da Museologia. O tempo mostrou que podem ser identificados dois modelos de ecomuseu. O primeiro orienta a sua actividade para o desenvolvimento, organiza-se de forma participativa e procura favorecer a coesão social de base territorial. O segundo modelo utiliza o qual utiliza também os mesmos recursos patrimoniais e territoriais, organiza-se de forma menos participativa, mas tendo como proposta a apresentação para um público tão vasto quanto possível dos recursos culturais de um dado território. Nos dois casos a sua actuação tem consequências em termos de desenvolvimento social e económico e consequentemente contribuem para a Social Harmony. Não faz sentido no entanto procurar fronteiras rígidas entre estes dois modelos pois tratando-se de realidades complexas muitas vezes complementam-se e são determinados pelo factor tempo e pelos contextos históricos e sociais que condicionam cada processo. Mais ainda o conceito de ecomuseologia foi englobado na corrente mais ampla da Nova Museologia e mais recentemente na área disciplinar da Sociomuseologia.

Situar os ecomuseus e todos os outros museus que fazem apelo à nova Museologia e a Sociomuseologia como fundamento da sua intervenção social não é tarefa fácil pois o próprio conceito de Social Harmony que *lies in dialogue, tolerance, coexistence and development based on pluralism, difference, competition and creativity* é de certa forma ambíguo, tanto quanto o de Coesão Social ou de globalização

Por isso no caso dos Ecomuseus como no de outros museus, é a mudança social que determina em última instância o lugar que cada processo ocupa no terreno em relação à Social Harmony e/ou à coesão social. Em todos os casos a prática museológica não está centrada na existência de colecções de objectos socialmente reconhecidos como raros, mas na existência de outro tipo de “colecções” compostas pelos patrimónios identitários, pelos rumos e problemas de cada ser humano. Em tempos de paz ou de guerra e de riqueza ou de miséria. E esta Museologia do Social é certamente mais complexa, pois trabalhar com pessoas exige competências humanas e profissionais diferentes daquelas de quem trabalha com objectos. Esta complexidade manifesta-se claramente na insuficiência da formação tradicional/técnica dos profissionais de Museus dando lugar a uma nova abordagem onde a Sociomuseologia ocupa cada vez mais um lugar central.

È nesta complexa realidade que a abordagem da Sociomuseologia (mais ampla que a de Ecomuseologia e da Nova museologia) traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo. A Sociomuseologia vem tomando forma como uma área disciplinar de ensino, investigação e actuação que privilegia a articulação da Museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas e Políticas, dos Estudos do Desenvolvimento e do Planeamento do Território e da Sustentabilidade social e ambiental.

Encontramos hoje práticas ecomuseológicas consistentes não só na França e na América Latina e onde se desenvolveram desde o fim dos anos 70, na Espanha, Portugal, México, Canadá, USA e alguns países de África nos anos 80, na Itália, no Japão e no Vietnã nos anos 90 e na China dedicando-se as questões das minorias étnicas desde o início do século XXI. Trata-se de um processo crescente que se reconhece de forma mais ou menos explícita nos princípios da Nova Museologia e da Sociomuseologia. Reconhece-se numa museologia democratizada onde talvez o principal elemento seja o direito à diferença a par da rejeição de modelos autoritários e hierarquizados que reinavam nos Museus, “simbolicamente” até a Declaração da Mesa Redonda de Santiago de 1972 (ICOM-UNESCO).

São hoje várias as organizações que reúnem em diferentes regiões milhares de ecomuseus tais como a Japan Ecomuseological Society, Fédération écomusées et des musées de société, France, Association des Ecomusees du Quebec (Canada), Rete Ecomusei Lombardia Italia, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários, Unión Nacional de Museos Comunitarios y Ecomuseos A.C. (México) ou ainda o International Movement for a New Museology MINOM Affiliated Organisation of ICOM. Muitas outras Universidades um pouco por todo o Mundo cobrem progressivamente esta nova abordagem do lugar e da Função Social dos Museus. Neste contexto a Ecomuseologia e de forma mais ampla a Sociomuseologia representam hoje uma parte considerável da actuação dos museus através do Mundo cobrindo realidades rurais e urbanas, tanto nos países mais ricos como naqueles que estão afastados do desenvolvimento sócio económico. São certamente museus que trabalham em favor do dialogue, tolerance, coexistence and development based on pluralism, difference, competition and creativity.